

SOB O SIGNO DOS AFETOS

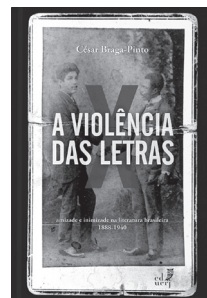
José Victor Neto

Professor de Língua Portuguesa do IFPA

Mestre em Estudos Literários pela UFPA e doutorando em Literatura Comparada pela UERJ

Em *A VIOLÊNCIA DAS LETRAS: AMIZADE E INIMIZADE NA LITERATURA brasileira (1888-1940)* (2018), do professor de Literatura Brasileira, Literatura Africana Lusófona e Literatura Comparada da Northwestern University, César Braga-Pinto, nos deparamos com o resultado de uma pesquisa que propõe um novo olhar sobre um tema bastante antigo, a amizade (e seu oposto: a inimizade), aplicado como mote de interesse para a compreensão das Letras brasileiras, num recorte temático preciso, mas que ao mesmo tempo nos fornece uma visão panorâmica, tendo em vista a extensão do *corpus* de análise.

O livro aborda a representação do tema da amizade no campo ficcional, explorando as principais obras em que figuram duplas de amigos, transitando por diversos textos canônicos da nossa literatura circunscritos ao final do século XIX e às primeiras décadas do século XX, a exemplo de *O coruja* (1890), de Aluísio Azevedo; *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, *Canaã* (1902), de Graça Aranha, *No hospício* (1905), de Rocha Pombo, e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), de Lima Barreto, entre outros. São também matéria de igual interesse do livro de Braga-Pinto



BRAGA-PINTO, César.
A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018

as relações de amizade entre os literatos que tentavam se firmar no campo cultural, desde o século XIX, sendo abordadas tanto as amizades entre “confrades e colegas” de um mesmo grupo quanto as inimizades, as quais muitas vezes assumiam a forma de embates calorosos, ofensas e réplicas a estampar as páginas dos jornais; bem como as relações entre os intelectuais do início do século XX, quando estes, movidos por um desejo de acordo, buscaram estabelecer um discurso de conciliação visando um projeto de nação inclusivo e baseado na ideia de fraternidade.

Em *A violência das letras*, Braga-Pinto procura ir além do mero ato de descrever as relações de amizade que se davam entre nossos literatos ao tempo do recorte histórico que delimita sua pesquisa, buscando sobretudo “rastrear a maneira pela qual foram tematizadas, estudadas, contestadas, debatidas ou ficcionalizadas pelos próprios homens de letras do período” (BRAGA PINTO, 2018, p. 12)¹. Além disso, suas reflexões se espalham para um interessante exercício reflexivo que visa “compreender a relação entre a representação dos afetos interpessoais e as tentativas de consolidação da nacionalidade” (p. 12), num esforço que ultrapassa os limites do literário para iluminar as raízes das formas como foram concebidas no Brasil as definições de amizade, e perceber seus reflexos em nossas instituições sociais, com destaque para as noções de República, nacionalismo e sociedade. É de grande interesse a observação do autor acerca das mudanças de conjuntura no início do século XX, quando simultaneamente ao arrefecimento da representação do tema da amizade na literatura brasileira, bastante recorrente nas obras do século XIX, ocorre também um abrandamento das relações de “amizade/inimizade” entre os literatos, antes pautadas nas exclusões e “panelinhas”, passando os mesmos a não mais se organizarem em grupos, mas em torno da ideia de geração, assumindo um discurso inclusivo e conciliador das diferenças. O autor destaca que o “relativo abrandamento das rivalidades e disputas pessoais entre literatos” estaria relacionado, de forma mais ampla, a um “desejo de se resolver o antagonismo social que divide a nação” (p. 12), numa conjuntura marcada (desde sempre, e até hoje) por profundas desigualdades.

É importante frisar que, desde a introdução de seu livro, o autor demonstra um vasto conhecimento teórico acerca do tema da amizade, abordando desde autores circunscritos à Antiguidade, como Cícero, Horácio, Sócrates e Aristóteles, passando pela

1 As próximas citações do livro resenhado trarão apenas o número das páginas-fonte.

visão cristã de amizade baseada na *caritas*, a qual tinha em Santo Agostinho seu mais destacado divulgador, e chegando a pensadores como Nietzsche e Kant, até aportar em nossos dias, com menções às reflexões de Jacques Derrida, somente para citar alguns entre os vários pensadores que dão embasamento às suas reflexões. Nesse percurso teórico, ganham importância alguns conceitos canônicos de amizade, como a noção de *philia* (amizade-amor) e do seu oposto, *neikos* (ódio), bem como a concepção de *concordia discors*, que em linhas gerais significaria a busca de uma “harmonia discordante”, em que se concebe a possibilidade de alcançar a harmonia a partir da conciliação dos opostos. Destaca-se, ainda, o conceito de *ordem*, característico da visão cristã, o qual consiste no “arranjo entre coisas parecidas e coisas diversas”, e se assenta na compreensão de que “a *pax civitas* reside na harmonia (*concordia*) entre a autoridade e a obediência dos cidadãos” (p. 14).

A compreensão das formas como nossos literatos trataram o tema da amizade, ora se apropriando e reproduzindo as concepções canônicas, ora as subvertendo, adaptando e mesmo as questionando, sendo este o principal propósito desse livro, nos fornece interessantes reflexões para auxiliar a pensar o quanto tais processos findaram por conferir uma fisionomia bastante específica às nossas formas de nos relacionarmos, às nossas instituições, e às nossas letras, tanto no campo da ficção como na vida literária.

O autor subdivide seu livro em partes análogas às de uma peça de teatro, como a nos falar, indiretamente, acerca do quão performativas e teatrais são as relações de amizade (e inimizade) que se estabelecem nos campos literário e social. Em cada parte são abordadas de maneira progressiva as relações de amizade representadas na literatura e correntes entre nossos literatos, de modo a expor as transformações do tema em cada momento específico de nossa literatura, dentro do recorte histórico proposto. Na introdução, que desempenha a função de prólogo, o autor faz diversas advertências e delimita os recortes definidores do alcance de seu livro, o que permite ao leitor estar plenamente situado antes de se debruçar sobre sua obra. A primeira parte, sugestivamente intitulada de *Concordia discors*, se subdivide em dois capítulos: “I. Duelos e Polêmicas (c. 1888)” e “II. Raul Pompéia (1888-1895)”. No primeiro capítulo, o autor explora as relações de amizade e inimizade entre nossos intelectuais, sobretudo no meio jornalístico, apontando para a formação de grupos, as polêmicas envolvendo políticos, os duelos verbais travados nos jornais e mesmo a moda

do duelo de morte, importada da França como meio de atender à necessidade de defesa da honra e, simultaneamente, de servir como elemento diferenciador e elitista em relação às camadas subalternas da sociedade, nas quais a capoeiragem ganhava destaque.

No segundo capítulo, como já denuncia o próprio título, o autor aborda o caso específico de Raul Pompéia, explorando o tema da amizade (e principalmente das inimizades) em sua atuação enquanto jornalista, passando por nuances de sua produção literária, em uma acurada leitura da obra *O Ateneu* (1888), habilmente relacionada a aspectos de sua conturbada biografia que se mostram caros ao tema em debate, a exemplo da extremada preocupação daquele literato com a honra e com a opinião pública.

O livro apresenta um entreto, denominado *Discordia*, encabeçando o terceiro capítulo, intitulado “III. Adolfo Caminha (c. 1895)”, em que o autor trata das representações da temática da amizade na obra *Bom-Crioulo* (1895), alinhavando a análise desse romance e as teorias raciais então em voga, com destaque para as interpretações “científicas” acerca da homossexualidade. Além disso, Braga-Pinto busca nesse capítulo destacar as primeiras nuances da transição dos discursos de exclusão para os discursos de inclusão do outro, vislumbrando os futuros alicerces sobre os quais se assentariam as ideias de igualdade baseadas em uma concepção de fraternidade nacional, embora o faça contrastando-as com o nítido receio, ainda vigente, quanto à possibilidade de uma efetiva assimilação e integração do negro no seio da sociedade brasileira.

A segunda parte, sob o nome de *Concordia*, subdivide-se em mais três capítulos, intitulados: “IV. Nestor Vitor (1897-c. 1922)”, “V. Geração (c. 1922)” e “VI. Gilberto & Zelins (c. 1922-1940)”. No quarto capítulo, o professor Braga-Pinto se lança ao desafio de delimitar mais precisamente os rastros que atestam a transição de discursos de exclusão e discórdia para os de inclusão e concórdia, a despeito dos laivos elitistas que, muito provavelmente, nunca foram totalmente erradicados de nosso cenário intelectual. Nesse tocante, ganha destaque a figura de Nestor Vitor, poeta que atravessa e espelha em sua obra todo um cambiamento discursivo que tão bem caracteriza o período de transição, sendo esse abordado tanto em sua produção ensaística e literária quanto em importantes aspectos biográficos, com destaque para sua amizade com o poeta Cruz e Sousa. Devido ao fato de ter vivenciado tanto os momentos finais do século XIX quanto ter chegado ao convívio dos nossos

primeiros modernistas, Nestor Vitor segue sendo abordado ainda no quinto capítulo, sobretudo pelo destaque dado por ele ao tema da amizade em sucessivas obras ensaísticas e literárias, mas também por ter sido coetâneo dos primeiros modernistas, tendo testemunhado o surgimento das ideias de “geração” em torno das quais passaram a se organizar os literatos de então, a despeito das diferenças que certamente os caracterizavam, buscando-se a construção de uma “comunidade intelectual” comprometida com o “futuro da nação” (p. 34). Tal mudança de aspectos conjunturais no seio de nossa intelectualidade, como destaca Braga-Pinto, terá reflexos inclusive nas representações inclusivas do negro na literatura, em contraposição aos discursos pautados pela exclusão, tão característicos ao século XIX.

O autor reserva para o último capítulo a exploração da amizade entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego, analisando a ideia de “democracia racial”, marcada pela busca da inclusão do homem negro, que passa a ser descrito por meio de uma imagem fraterna, em que a figura do “amigo negro”, praticamente impossível no século XIX, entra em voga em nossas letras, destacada como um dos aspectos inerentes ao ideário regionalista.

O autor finaliza seu livro com um epílogo cujo título, aparentemente paradoxal, é “A tirania da amizade”, expressão retirada de uma das cartas de Mário de Andrade a Fernando Mendes de Almeida, epílogo em que Braga-Pinto remata suas reflexões acerca da forte distinção entre as querelas e polêmicas entre literatos do século XIX e a conjuntura da década de 1940, em que a questão das amizades e inimizades passa a ser relegada ao foro íntimo, abandonando o ambiente público e arrefecendo inclusive no campo literário. O autor cita, a exemplo dessa indisposição à polêmica, o desejo confesso por Mário de Andrade de abandonar a crítica profissional por considerá-la prejudicial às amizades pessoais, sobretudo num “ambiente literário em que todos se conhecem” e em que as críticas públicas, muitas vezes, tendem a ser interpretadas como “ofensas pessoais” (p. 433). Entretanto, o autor chama a atenção para o fato de que “a reprodução do aspecto oligárquico-exclusivista das relações pessoais entre os literatos” (p. 437), embora se propale um discurso público de fraternidade e responsabilidade para com a nação, “sobrevive e persiste para além do período estudado aqui” (p. 438), o que permite a Braga-Pinto fazer uma inquietante observação acerca das relações de sociabilidade que caracterizam a atual conjuntura sociopolítica em nosso país, enfatizando que seu livro vem a lume

em um momento em que se confronta com a imagem de um país fraturado, de um povo dividido (espacial, econômica e ideologicamente) e de um cidadão brasileiro caracterizado, em alguns casos, como hostil, em outros, como violento (p. 438).

Nesse sentido, vale ressaltar a afirmação feita pelo autor ainda na introdução do livro acerca de um de seus objetivos, a qual soa como uma convocação da intelectualidade brasileira à premente necessidade de reflexão, imaginação e construção de

novas práticas discursivas e uma nova política da amizade para além do modelo fratrocêntrico tradicional, independentemente da consanguinidade e da proximidade territorial, nacional, regional, bairrista ou doméstica (p. 39).

DAS AMIZADES INTERÉTNICAS: O “OUTRO” COMO “MEIO-IRMÃO”

O livro *A violência das letras* apresenta múltiplos aspectos de interesse aos pesquisadores da literatura brasileira, sobretudo a circunscrita ao período do entresséculos, mas também chama a atenção pelas reflexões de caráter sociológico, abordando alguns aspectos que são matéria de interesse não somente da História e da crítica literária, mas certamente também de pesquisadores dos Estudos Culturais, bem como de estudiosos de temas contemporâneos abordados a partir das teorias pós-modernas. Nesse

“

o autor procura elucidar
como as concepções de
amizade que pautavam as
relações entre os nossos
intelectuais determinaram
as bases que permitiram a
construção de nossas noções
de República, nacionalismo,
sociedade e cidadania

sentido, ganha destaque a exploração do fator racial como forte componente nos discursos de exclusão, no século XIX, e posteriormente de inclusão, no século XX, aspecto habilmente tratado por Braga-Pinto em seu livro. No decorrer de sua obra, o olhar arguto do autor mostra que a amizade e a inimizade tiveram determinante impacto nas relações de sociabilidade e afirmação de prestígio entre os nossos literatos, de modo que o

tal processo de legitimação do homem letrado não ocorria sem uma dose de violência simbólica, em que a distinção social se impunha, em grande medida, por meio da exclusão – econômica, étnica, sexual (p. 11-12).

Ainda sobre esse aspecto, no tocante às nossas instituições, o autor procura elucidar como as concepções de amizade que pautavam as relações entre os nossos intelectuais determinaram as bases que permitiram a construção de nossas noções de República, nacionalismo, sociedade e cidadania, visto que as concepções de amizade foram utilizadas como fator de diferenciação entre classes sociais, ganhando contornos raciais após a abolição da escravidão negra em 1888. O autor nos lembra que, de acordo com a concepção de *amizade perfeita* fornecida por Aristóteles, a “igualdade entre os amigos (mas não necessariamente a semelhança ou a identidade) é um requisito para que se estabeleça uma relação de amizade” (p. 17). Nesse sentido, fica nítida a impossibilidade de amizade entre senhor e escravo, e mesmo entre colonizador e colonizado. O autor chama a atenção para a relação de amizade entre Martim e Poty, em *Iracema* (1865), de José de Alencar (mesmo estando esta obra situada em período anterior ao recorte histórico proposto), para mencionar as incongruências e obstáculos ao estabelecimento de laços de “amigos-irmãos” em sentido pleno nas relações interétnicas representadas na ficção oitocentista, de modo que se pode perceber nesse romance de Alencar “algo de irreconciliável” (p. 21), demarcando os desníveis presentes nas relações entre colonizador e colonizado. No campo social do século XIX, essa demarcação de distinção com contornos sociais e raciais se fez presente, também, no esforço empreendido para diferenciar o duelista (seguindo modismos importados da França), visto como aquele que exerce o justo direito de defender sua honra, e o capoeira, descrito como ser vil, desprovido de nobreza, e movido por desejos de vingança pautados em relações de brutalidade incivilizada. Tal distinção teve reflexos inclusive no campo jurídico, visto que, no código penal da época, tanto uma quanto outra

prática eram tipificadas como crime, mas a elas eram imputadas penas diferenciadas, numa clara acepção ao jogo ordenado por “dois pesos e duas medidas”. Dados como esse certamente reforçam as reflexões de pesquisadores de temas ligados às questões raciais no Brasil, por permitirem estabelecer um liame entre as práticas de exclusão de outrora e as atuais, sobretudo em um país em que o atual genocídio de jovens negros evidencia o quanto os fatores de diferenciação racial ainda hoje adquirem contornos dramáticos e geram impactos cruéis.

DAS AMIZADES E DAS AUSÊNCIAS

Ao trabalhar com o tema da amizade e destacar com isonômica importância o seu corolário, a inimizade, demonstra o autor, em suas elucubrações teóricas, ter uma lúcida habilidade reflexiva, que se materializa em um verdadeiro jogo de opostos (os quais, muitas vezes, são afirmações pelo avesso), o que, por vezes, nos faz lembrar dos pares opostos de Parmênides. Nesse sentido, ao se observarem as ressalvas feitas pelo autor ainda na introdução de *A violência das letras*, fica nítida a sua preocupação em conferir uma clara delimitação do recorte, do alcance e dos objetivos de seu livro: se, por um lado, é cara ao autor a necessidade de dizer a que veio sua obra, percebemos também em Braga-Pinto a preocupação igualmente coerente de dizer a que sua obra não veio, numa postura teórica que revela doses admiráveis de lucidez e sensatez.

Atento, ao que parece, a possíveis questionamentos embasados em teorias pós-modernas, destacadamente as de base feminista, sobre os porquês de ter explorado exclusivamente as relações de amizade entre homens, explica que o enfoque de sua pesquisa se justifica pela prevalência praticamente exclusiva de amizades circunscritas ao gênero masculino enquanto temática representada na nossa literatura, no recorte temporal proposto para essa pesquisa (1888-1940), sendo uma única exceção a obra *As três Marias*, de Rachel de Queiroz, vinda a lume em 1939. Semelhante justificativa é dada para a ausência de exploração de amizades femininas entre os intelectuais de nossas letras. O autor destaca ter ciência das pesquisas de Maria Ionta sobre as correspondências entre Mário de Andrade e Anita Malfatti, Henriqueta Lisboa e Oneyda Alvarenga, mas enfatiza que tal temática, além de extrapolar os limites a que se propõe seu livro, transita fora do escopo de relações propostas entre os discursos legitimadores da “fraternidade” de nossos literatos acerca da “figura do amigo irmão” em caráter relacional e simultâneo aos discursos da “fraternidade da República” (p. 36).



Ao delimitar firmemente o escopo e os limites de sua obra, o autor parece tentar se esquivar às tentadoras armadilhas de definição do que seja o ‘ser brasileiro’ a partir das nossas formas de sociabilidade

O autor justifica em sua introdução a “ausência de uma atenção mais detida ao caso de Machado de Assis, do próprio Mário de Andrade e da obra de Sérgio Buarque de Holanda” (p. 36). Embora o livro apresente um tópico, ainda na introdução, intitulado “Os amigos de Machado de Assis”, e o autor tenha explorado de maneira pontual o tema da amizade na obra machadiana, reconhece que “o assunto mereceria todo um livro” (p. 20) devido à complexidade do tema (sobretudo se considerarmos a grande extensão da fortuna crítica em torno da vida e da obra de Machado de Assis). Entretanto, Braga-Pinto não se furta a tecer importantes considerações sobre o assunto, constituindo uma “leitura preliminar”, a qual certamente lança alguns apontamentos para futuras pesquisas que se debrucem especificamente sobre o tema. Quanto a Mário de Andrade, sobre cuja obra o autor faz também alguns apontamentos, o fator impeditivo destacado por Braga-Pinto para uma análise mais localizada é a vastidão de sua correspondência, o que se desdobra em uma grande dificuldade em definir seus conceitos de amizade, tarefa hercúlea, que já estaria movimentando o trabalho de diversos pesquisadores, cujas pesquisas, ainda em andamento, têm rendido sucessivas publicações, sem que o tema se tenha esgotado.

No tocante a Sérgio Buarque de Holanda, o autor justifica a ausência de uma abordagem mais detida “pela excelente qualidade da vasta fortuna crítica sobre *Raízes do Brasil*” (p. 37), destacando como exemplo sua concordância com as conclusões apresentadas por João Cezar de Castro Rocha (2004) a respeito do conceito da

cordialidade. Entretanto, Braga-Pinto alerta para o fato de que, ao mencionar a cordialidade pontualmente em vários trechos de seu livro, o mesmo não tem a pretensão de cunhar uma definição ou “qualquer ‘interpretação’ do Brasil, do homem brasileiro, da ‘cordialidade brasileira’” (p. 38), fazendo possivelmente uma alusão indireta àquelas empreendidas por alguns autores no decorrer do século XX, a exemplo de Roberto da Matta. Ao propor uma reorientação do enfoque sobre a “questão da *cordialidade* segundo tem sido debatida pelo pensamento social brasileiro” para uma “análise de uma contextualização histórica das transformações dos discursos sobre a amizade e seu papel na dinâmica das inclusões e, sobretudo, das exclusões” (p. 38), o autor delimita o alcance de sua obra em uma posição aparentemente despretenhiosa, afirmando tratar-se, “quando muito, de uma interpretação das interpretações” (p. 38).

Ao delimitar firmemente o escopo e os limites de sua obra, o autor parece tentar se esquivar às tentadoras armadilhas de definição do que seja o “ser brasileiro” a partir das nossas formas de sociabilidade (amizade e inimizade), definição esta que, certamente, tenderia a se mostrar parcial e lacunosa, expondo os flancos a uma possível “datação” de suas elucubrações teóricas, e sofrendo, com isso, mais fortemente, os desgastes às provas do tempo e da crítica. Tais ressalvas, entretanto, não constituem um impeditivo para que os leitores possam, a partir de suas reflexões, relacionar suas análises acerca das formas com que os conceitos de amizade foram apropriados, adaptados, atualizados ou contestados no meio literário brasileiro, a aspectos inerentes à nossa cultura, utilizando tanto sua obra como um suporte para futuras pesquisas, mais específicas, relacionadas à temática da amizade nas letras nacionais, como também, para além do campo literário, como uma possível ferramenta de compreensão de nossa realidade no que se refere a aspectos da cultura brasileira em geral. Nesse sentido, o livro de Braga-Pinto traz importantes contribuições, que se somam aos esforços de muitos pesquisadores dedicados a lançar luzes sobre as raízes e os processos de construção pelos quais passaram a nossa literatura, a nossa cultura e a nossa história.